

**DISCUTINDO GÊNERO E ALTERIDADE COM ADOLESCENTES EM
ESPAÇOS SOCIALMENTE VULNERÁVEIS ATRAVÉS DA FICÇÃO
CIENTÍFICA**

**Livia Delgado Leandro da Cruz¹
Thaís Saboya Teixeira²
Emerson Ferreira Gomes³**

RESUMO

O presente artigo se propõe a refletir sobre o potencial do gênero da ficção científica, tanto na literatura quanto no cinema, para o debate de questões socioculturais, como as relações de gênero e alteridade. Dada à popularidade do gênero da ficção científica, e partindo da concepção de que os indivíduos não são passivos diante dos símbolos disseminados pela mídia, reconhece-se o potencial problematizador presente nos produtos culturais como meio de oferecer recursos para contestação e oposição a um discurso dominante. Para tanto, foram selecionadas duas obras de ficção científica - o livro “A Mão Esquerda da Escuridão”, de Ursula K. Le Guin, e o filme “A Chegada”, de Denis Villeneuve - para a realização de atividades lúdicas a partir da metodologia da pesquisa-ação com adolescentes de um espaço de educação não formal. Os resultados dessas atividades demonstram como uma abordagem lúdica a partir de produtos culturais estimula o envolvimento das/dos adolescentes frente aos temas propostos. Assim, ao identificar a metáfora do “Outro alienígena” e reconhecer nos grupos marginalizados a alteridade, ou ao refletir sobre as questões de gênero presentes em um mundo alternativo, as/os jovens puderam refletir a respeito das questões sociais presentes nas obras de ficção científica, bem como acerca de si mesmos enquanto jovens em posição de alteridade dado o contexto de vulnerabilidade social em que estão inseridos.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção científica; Gênero; Cinema; Literatura; Educação não formal.

**DISCUSSING GENDER AND OTHERNESS WITH ADOLESCENTS IN
SOCIALY VULNERABLE SPACES THROUGH SCIENCE FICTION**

ABSTRACT

This paper aims to reflect on science fiction potential, both in literature and cinema, for debating socio-cultural issues, such as gender relations and otherness. Given the popularity of the science fiction genre, and starting from the conception that individuals are not passive in the face of the symbols disseminated by the media, the potential of problematization through cultural products is recognized as a means of offering

¹ Bacharel em Gestão de Políticas Públicas pela Universidade de São Paulo (EACH-USP), Mestra em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais (EACH-USP) e Graduanda em Licenciatura em Pedagogia (UNIVESP).

² Bacharel em Lazer e Turismo pela Universidade de São Paulo (EACH-USP) e Mestra em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais (EACH-USP).

³ Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Professor do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática (IFSP) e Doutor em Ensino de Ciências pela Universidade de São Paulo (USP).

resources for contestation and opposition to a dominant discourse. To this end, two works were selected - the book “The Left Hand of Darkness”, by Ursula K. Le Guin, and the film “Arrival”, by Denis Villeneuve - for carrying out recreational activities based on the action-research methodology with adolescents from a non-formal education space. The results of these activities demonstrate how a playful approach based on cultural products stimulates the adolescents' involvement in relation to the proposed themes. Thus, by identifying the “Other alien” metaphor and recognizing otherness in marginalized groups, or by reflecting on gender issues present in an alternative world, these young people were able to reflect on social issues present in science fiction works, as well as about themselves as young people in a position of otherness due to the context of social vulnerability in which they are inserted.

KEYWORDS: Science Fiction; Gender; Cinema; Literature; Non-formal Education.

INTRODUÇÃO

Com recordes de bilheterias e vasta variedade de livros que abordam a ciência sob os mais diversos ângulos, a ficção científica (FC) estimula a imaginação do público, assim como a reflexão sobre os temas apresentados. O caráter especulativo do gênero permite a projeção de um futuro em função dos problemas sociais que ocorrem no presente. Dessa forma, configurando um fenômeno cultural, além de entreter, a ficção científica também apresenta potencial para incentivar seu público a realizar reflexões e interpretações de mundo.

Da mesma maneira que o gênero literário e cinematográfico é capaz de estimular reflexões sobre ciência e tecnologia, outros aspectos também colocam em debate uma série de questões relacionadas a outras esferas da sociedade. Quem são os personagens principais dessas histórias? De que maneira eles são representados? Qual a intenção o autor, diretor ou roteirista com aquela história? Essas e demais questões influenciam na leitura da obra para o público.

Além das perspectivas acerca da ciência, a FC é um produto cultural capaz de estimular discussões a respeito das questões de gênero, uma vez que muitas de suas narrativas propõem outros mundos possíveis, e com isso, a reflexão sobre os papéis de gênero na sociedade. No entanto, existem recortes dentro dela que trazem com maior ênfase essas propostas, como é o caso de livros escritos por autoras mulheres, que muitas vezes contam com protagonistas femininas e com narrativas que colocam em debate as relações de gênero. O mesmo ocorre a partir do protagonismo feminino no cinema, bem como com a participação de mulheres nos bastidores a partir da produção e

direção, o que proporciona um resultado final a partir de um outro olhar no desenvolvimento desses produtos culturais.

Embora a ficção científica ainda seja predominantemente masculina, na literatura a partir da década de 1960 é possível observar o surgimento de um grande número de autoras, trazendo consigo novas perspectivas. Mais recentemente, também se tem observado um aumento na participação feminina no cinema, tanto na esfera de produção quanto na atuação em si, sobretudo no protagonismo. No entanto, o cenário atual mostra-se longe do ideal, de modo que muitos avanços ainda são necessários para que se alcance a igualdade de gênero nesse contexto.

Nesse sentido, uma vez que as histórias do gênero da ficção científica mobilizam temas relevantes, de que maneira utilizá-las para o diálogo com jovens sob uma perspectiva problematizadora? Acredita-se que a partir da mediação desses produtos culturais, sobretudo por meio de atividades lúdicas e que estimulem a criticidade, torna-se possível a reflexão de temas fundamentais, como a igualdade de gênero, questões de raça e alteridade.

Uma série de artigos propõem o uso da ficção científica em uma perspectiva educacional e sociocultural, seja com foco na educação em ciências, como é o caso de María Jesús Martín-Díaz et al. (1992), Mark Brake e Rosi Thornton (2003) e Luís Paulo Piassi (2015), a partir do uso da literatura de FC, como Anne Besson (2013), ou do cinema e demais produtos culturais do gênero, como demonstram Susan George (2013) e Stella Pupo et al., (2017). Tais estudos, desenvolvidos em diferentes contextos e países, demonstram experiências do uso da FC com um propósito educativo e a partir da interação, seja em sala de aula ou em demais espaços educacionais.

Assim, neste artigo serão exploradas duas obras de ficção científica lançadas em períodos diferentes, mas que permitiram discussões fundamentais socialmente. As obras em questão são “A Mão Esquerda da Escuridão”, da escritora estadunidense Ursula K. Le Guin (1969), considerada uma das obras canônicas do gênero, e o filme “A Chegada”, dirigido pelo canadense Denis Villeneuve (2016) e baseado no premiado conto “História de sua Vida”, do estadunidense Ted Chiang (1998).

A partir da mediação dessas obras por meio de atividades lúdicas de divulgação científica, buscou-se debater as questões de gênero e alteridade nelas presentes. À luz da

metodologia da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986), as atividades relatadas neste artigo ocorreram no âmbito do projeto de pesquisa, ensino e extensão “Banca da Ciência”, promovido em parceria pela Universidade de São Paulo (USP-LESTE), pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (Campi Boituva e Salto), mais precisamente nas linhas de interesse em pesquisa/ação e grupos de atividade “L.U.C.I.A.” e “E.M.M.A”.

Assim, a partir de uma perspectiva lúdica e problematizadora, as atividades de pesquisa-ação foram realizadas com cerca de 20 adolescentes de um Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) localizado na Zona Leste do município de São Paulo, espaço de educação não formal vinculado à Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social destinado ao atendimento de jovens em situação de vulnerabilidade social.

A FICÇÃO CIENTÍFICA E OS ESTUDOS DE GÊNERO

O marco do início da ficção científica, de acordo com alguns autores, data de *Frankenstein*, escrito por Mary Shelley (CALVIN, 2012; TAVARES, 1992, ZIRANGUE, 2010). Com o passar dos anos, a FC começa a ganhar destaque e vai aos poucos conquistando espaços variados, seja na literatura, no cinema ou, mais recentemente, em jogos de videogames (TAVARES, 1992; PIASSI; KIMURA, 2016; PAULA, 2015).

De acordo com Bráulio Tavares (1992, p. 07), a Ficção Científica foi considerada como um tipo de literatura “imaturado pelos adultos de várias gerações sucessivas”. Nesse mesmo sentido, Moylan (2000) aponta que a visão negativa do gênero como uma forma de literatura escapista não implica necessariamente em uma fuga da realidade que gera alienação, mas que estimula um “escape que fortalece e que faz refletir, a uma maneira muito diferente de pensar o mundo, e possivelmente de se situar no mundo” (MOYLAN, 2000, p. 05). Ainda, segundo J. P. Telotte (2001), a banalização da FC no cinema, especificamente, se deu devido a suas representações “monstruosas” e calamitosas induzidas pela ciência, fazendo com que o gênero cinematográfico levasse mais tempo para receber a aceitação que possui hoje.

David Allen (1974) aponta que o gênero pode ser dividido em categorias como ficção científica *hard* (aquelas que utilizam mais das ciências exatas e tecnologias), *soft* (a respeito das que se valem das ciências humanas), e fantasia científica (cujas narrativas estão relacionadas à presença da magia, de universos alternativos, etc.), entre outras categorias.

Outra característica importante da ficção científica é que ela acaba “prevendo” ou inspirando diversos acontecimentos, de modo que é possível encontrar em ficções científicas mais antigas elementos tecnológicos semelhantes aos que são encontrados hoje. Nesse sentido, Fátima de Oliveira (2003) destaca que “na virada do século XX para o XXI assistimos a um fato curioso: os monstros e os mundos possíveis da ficção científica parecem escapar das páginas de livros e telas de cinema e se materializar em nossos laboratórios” (OLIVEIRA, 2003, p. 178).

Na literatura do gênero, há um recorte que pode ser chamado de Ficção Científica Feminista (FCF). Entendendo o feminismo como um movimento que defende a igualdade entre os gêneros, que ambos possuem o mesmo valor (FREEDMAN, 2002) e que questiona os valores culturais da sociedade patriarcal (ZIRANGUE, 2010) a FCF traz uma abordagem diferente para suas narrativas, quebrando os estereótipos de gênero tão marcados neste tipo de literatura.

Buscando representar em suas histórias personagens femininas fortes, que se sobressaíam nos enredos, a FCF busca refletir a respeito do papel da mulher na sociedade, bem como questionar as desigualdades de gênero. Nesse sentido, Ritch Calvin destaca:

A ficção científica feminista explorou ordens sociais patriarcais, matriarcais e igualitárias; construiu sistemas governamentais e organizacionais alternativos; reimaginou as regras de gênero (e a própria ideia de regras de gênero); minou o relacionamento naturalizado entre sexo e gênero; colocou diferentes meios de reprodução (feminina, masculina, alienígena e mecânica); ilustrou diferentes sexualidades (humana, animal, alienígena e mecânica); e considerou as ramificações de ambas as ciências, masculina e feminina (a qual algumas vezes incorpora noções de ciência radicalmente diferentes, incluindo “magia”) (CALVIN, 2012, p. 05, tradução nossa).

No que diz respeito ao cinema, a ficção científica configura um gênero cinematográfico de sucesso em termos de bilheteria. Segundo dados do site *The*

*Numbers – Movies Budgets and Finances*⁴ dentre os vinte filmes com maiores receitas de bilheteira, pode-se destacar enquanto sendo do gênero de ficção científica e fantasia os filmes *Avatar* (2009), *Vingadores: Endgame* (2019), *Star Wars Ep. VII* (2015), *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (2005), *Vingadores: Guerra Infinita* (2018), *Vingadores* (2012), *Jurassic World* (2015), *Harry Potter e as Relíquias da Morte (Parte II)* (2011), *Piratas do Caribe: o Baú da Morte* (2006) e *Pantera Negra* (2018). Embora seja possível questionar se de fato esses filmes encaixam-se no gênero, é inegável que a ficção científica e a fantasia são gêneros muito populares, como demonstrado através da preferência do público por essas narrativas ao longo das décadas.

Tal recente popularização possibilitou que o gênero fosse amplamente disseminado na mídia, de modo que a ficção científica alcança hoje um grande número de espectadores, seja no cinema, na literatura, em histórias em quadrinhos, entre outros. Dessa forma, o uso da FC em uma perspectiva crítica mostra-se um meio com potencial para o debate de inúmeras questões relevantes socialmente.

Douglas Kellner (2001) defende que os indivíduos não são passivos diante dos símbolos transmitidos pela mídia, de modo que os diversos artefatos culturais também apresentam potencial para oferecer recursos para contestação e oposição ao discurso dominante. Acerca de tal posicionamento, Kellner destaca:

Enquanto a cultura da mídia em grande parte promove os interesses das classes que possuem e controlam os grandes conglomerados dos meios de comunicação, seus produtos também participam dos conflitos sociais entre grupos concorrentes e veiculam posições conflitantes, promovendo às vezes forças de resistência e progresso. Consequentemente, a cultura veiculada pela mídia não pode ser simplesmente rejeitada como um instrumento banal da ideologia dominante, mas deve ser interpretada e contextualizada de modos diferentes dentro da matriz dos discursos e das forças sociais concorrentes que a constituem (KELLNER, 2001, p. 27).

Assim, ao mesmo tempo em que os produtos culturais reproduzem determinada realidade social, eles influenciam socialmente seus receptores. A ficção científica, nesse contexto, mostra-se um instrumento com potencial para pensar o mundo, uma vez que retrata histórias que, embora contrafactuais, representam os dilemas reais da sociedade.

⁴ Disponível em: <<https://www.the-numbers.com/movie/budgets>>. Acesso em: 18 de set. de 2020.

Nesse sentido, Umberto Eco destaca que a FC ocorre por meio da “especulação contrafactual”:

Temos *Science fiction* como gênero autônomo quando a especulação contrafactual de um mundo estruturalmente possível é conduzida extrapolando, de algumas linhas de tendência do mundo real, a possibilidade mesma do mundo futuro. Ou seja, a ficção científica assume sempre uma forma de uma antecipação, e a antecipação assume a forma de uma conjectura a partir de linhas de tendências reais do mundo real (ECO, 1989, p. 169).

Dessa maneira, a FC é capaz de estimular reflexões acerca do presente e do futuro sobre aspectos científicos, tecnológicos e sociais. Ritch Calvin (2012) defende que a ficção científica – assim como o feminismo - funciona enquanto uma ferramenta poderosa de análise e mudança social:

A ficção científica frequentemente torna a metáfora do “Outro/alienígena” como literal. Historicamente, o “Outro/alienígena” assumiu a forma do “Outro racial” ou cultural, dos africanos, às populações indígenas, aos Roma, à Gasterbeiter, às mulheres, às comunidades LGBT (CALVIN, 2012, p. 03, tradução nossa).

Alusões ao “Outro” como alienígena em histórias de FC são facilmente encontradas e os tratamentos em relação a eles dentro das narrativas variam, sendo representados ora pelo medo, ora pela curiosidade. Tal metáfora de alteridade é destacada pelo autor enquanto uma ferramenta que possibilita identificar nas populações marginalizadas essa posição enquanto o “Outro”.

Nesse sentido, é fundamental destacar que a ficção científica tem função central na criação de opiniões e mitos no que diz respeito à ciência, criando imagens que permanecem como mitos sociais. Eva Flicker (2003) analisa a sexualização e banalização dos papéis femininos nos filmes de ficção científica, definindo seis estereótipos recorrentes na representação da mulher cientista no cinema: a “solteirona”, “a mulher masculina”, “a especialista ingênua”, “a conspiradora má”, “a filha ou assistente” e “a heroína solitária”.

Da mesma forma, Elizabeth Ann Kaplan (1995) aponta que as imagens dominantes da mulher no cinema são construídas pelo e para o olhar masculino, de modo que elas estão presentes em cena “para-serem-olhadas”. Assim, tais estereótipos reforçam a ideia de como as representações femininas no cinema, sobretudo em filmes

de ficção científica, são visões masculinas sobre as feminilidades e sobre a mulher cientista.

Conforme aponta Rachel Moreno (2017), a repetição de tais estereótipos é prejudicial tanto para homens quanto para mulheres, que acabam sendo limitados em suas possibilidades, complementaridade e até mesmo em sua diversidade (MORENO, 2017). Ainda, tais representações não se limitam apenas às questões de gênero, mas também com as raciais. Joice Berth (2019) discorre acerca de como a televisão, grande veículo de comunicação em massa na década de 1960, limitava a imagem das pessoas negras.

Berth (2019) aponta que até mesmo em adaptações literárias, como nas obras de Jorge Amado, os personagens eram embranquecidos, reforçando os ideais da “mestiçagem nacional” e buscando uma “forma de recuperação da dignidade do povo brasileiro “manchada” pela negritude africana que aqui foi depositada” (BERTH, 2019, p. 119). Dessa forma, a problematização de tais representações e estereótipos, bem como uma análise crítica desses produtos culturais representam um meio com potencial para a discussão de temáticas sociais.

Assim, embora as obras discutidas neste artigo tenham sido lançadas em diferentes períodos, ambas colocam em debate questões relevantes socialmente, como é o caso das relações de gênero e das reflexões sobre alteridade. O livro “A Mão Esquerda da Escuridão”, escrito por Ursula K. Le Guin e publicado originalmente em 1969, coloca em debate a metáfora do “Outro/alienígena”, apresenta um universo onde não existe desigualdade de gênero e, apesar de não contar com personagens femininas de destaque, é especialmente relevante por ter sido escrito por uma mulher dentro da literatura de FC, que é, por sua vez, predominantemente masculina.

O filme “A Chegada”, por sua vez, embora não tenha sido escrito ou dirigido por mulheres, conta com uma protagonista feminina complexa que é corajosa, inteligente, e sensível, e ainda que se encaixe em uma série de estereótipos relacionados à representação da mulher cientista, possibilita que o público se identifique em diferentes níveis. Ainda, o filme coloca em pauta a alteridade ao explorar o tema recorrente na ficção científica da chegada repentina de seres alienígenas a Terra, de modo a possibilitar, a partir de metáforas, discussões fundamentais acerca do “Outro”

enquanto sujeito mutável, contribuindo para reflexões acerca dos diferentes grupos marginalizados socialmente.

REFLEXÕES SOCIOCULTURAIS SOBRE ARTE E CIÊNCIA

A atividades a serem relatadas ocorreram no âmbito do projeto de ensino, pesquisa e extensão “Banca da Ciência”, cujo principal objetivo consiste na comunicação e na divulgação científica por meio do desenvolvimento de atividades em espaços educacionais formais e não formais (PIASSI et al., 2018). Desenvolvido e gerenciado pela Universidade de São Paulo (USP-LESTE) pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (Campi Boituva e Salto), o projeto propõe atividades se baseando na metodologia da pesquisa-ação, que consiste em um tipo de pesquisa social em que não se trabalha sobre os outros, mas com os outros, sobretudo em busca da transformação e mudança social. Michel Thiollent aponta que a pesquisa-ação ocorre quando o/a pesquisador/a busca ir além das investigações acadêmicas e burocráticas, desempenhando “um papel ativo na própria realidade dos fatos observados” (THIOLLENT, 1986, p. 16).

Nesse sentido, a pesquisa-ação implica o exercício de escuta e diálogo, e consiste no método comumente usado em pesquisas que nem sempre buscam solucionar um determinado problema, mas evidenciá-lo e discuti-lo. Assim, Thiollent afirma que a metodologia da pesquisa-ação não é constituída somente pela ação ou participação, mas pela necessidade de “produzir conhecimentos, adquirir experiência, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas” (THIOLLENT, 1986, p. 22).

Dessa forma, o projeto Banca da Ciência possui diferentes linhas de interesse em pesquisa/ação e grupos de atividade, que consistem nas equipes colocam as atividades propostas em prática. Esses grupos são compostos por alunas e alunos da graduação de diversos cursos e coordenados por pesquisadoras da pós-graduação, que se reúnem semanalmente para elaborar as atividades a serem realizadas e posteriormente analisá-las. Neste artigo, serão destacadas duas experiências de atividades de dois desses grupos.

O grupo “L.U.C.I.A.” (Literaturas, Utopias e Cenas Investigação da Arte-Ciência) utiliza especialmente leituras, sejam elas livros, contos ou histórias em quadrinhos como inspiração para atividades de divulgação científica a fim de promover o debate de questões sociocientíficas e culturais a partir das temáticas presentes nas narrativas. A linha possui este nome em homenagem à autora mineira Lúcia Machado de Almeida (1910-2005), que escreveu inúmeros livros infanto-juvenis. As narrativas escolhidas para serem exploradas nas atividades servem como pano de fundo para as dinâmicas propostas, onde são abordados temas presentes nas obras, o que tem sido demonstrado a partir de diferentes abordagens dentro do grupo (SILVA et. al, 2019; RAMOS; PIASSI; RAMOS, 2015).

O grupo “E.M.M.A.” (Estudos sobre as Mulheres e as Minorias na Arte-Ciência), por sua vez, tem como objetivo principal estimular a reflexão sobre as relações de gênero, raça e alteridade que permeiam o campo das artes e da ciência, utilizando sobretudo de produtos culturais midiáticos como séries televisivas e filmes para tal. O nome do grupo faz referência à atriz britânica Emma Watson, que além de representar uma celebridade ícone frente ao público jovem, é ativista feminista, nomeada, em 2014, Embaixadora da Boa Vontade da ONU Mulheres e representante do Movimento HeForShe (ElesPorElas). Assim, o grupo tem realizado atividades com crianças e adolescentes com o objetivo de problematizar os produtos culturais, sobretudo com foco nas representações midiáticas femininas (OLIVEIRA; ARAÚJO; PIASSI, 2017).

Através de suas respectivas abordagens, desde 2015, ambos os grupos têm proposto atividades de divulgação científica a fim de promover diálogos com as/os participantes, que consistem em crianças e adolescentes em espaços formais e não formais de educação. Assim, tais atividades desenvolvidas são de caráter não formal, que segundo Maria da Glória Gohn (2009), “se desenvolvem usualmente extramuros escolares, nas organizações sociais, nos movimentos, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais” (GOHN, 2009, p. 31).

Gohn destaca que a educação não formal configura uma ferramenta importante no processo de formação e construção da cidadania, sobretudo quando é acionada em

processos sociais desenvolvidos junto a regiões vulneráveis socioeconomicamente, possibilitando, assim, processos de inclusão social.

Nesse sentido, as atividades deste artigo foram realizadas com adolescentes de um Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) localizado em um bairro da Zona Leste do município de São Paulo. De acordo com a Norma Técnica dos Serviços Socioassistenciais (SÃO PAULO, 2012), esse espaço configura um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos de proteção básica conveniado à Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social, cujo objetivo é atender crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

Assim, o serviço destina-se a crianças e adolescentes em situação de trabalho, jovens reconduzidos ao convívio familiar, crianças e adolescentes com deficiência e/ou oriundos de famílias beneficiárias de programas de transferência de renda e jovens em situação de vulnerabilidade social e risco. Assim, esse espaço tem como objetivo principal oferecer proteção social à criança e adolescente por meio do desenvolvimento de suas potencialidades, bem como favorecer aquisições para a conquista da autonomia, protagonismo e cidadania, mediante o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários.

Para alcançar esse objetivo, são desenvolvidas nesse espaço atividades lúdicas, culturais e esportivas como formas de expressão, interação, aprendizagem, sociabilidade e proteção social, tendo por foco a constituição de espaço de convivência a partir dos interesses, demandas e potencialidades da faixa etária em questão (SÃO PAULO, 2012). Assim, no contexto do projeto de extensão e divulgação científica e nas respectivas linhas de interesse, as atividades realizadas contaram com a participação de um grupo composto por cerca de 20 adolescentes desse espaço.

A LITERATURA NA PROMOÇÃO DE DIÁLOGOS SOBRE IGUALDADE GÊNERO

Publicado em 1969, o livro de Ursula K. Le Guin “A Mão Esquerda da Escuridão” chegou para seus leitores durante o período em que a ficção científica feminista veio com força total (CALVIN, 2012). Vencedor de premiações importantes dentro da ficção científica como os Prêmios Hugo e Nébula, o livro recebeu elogios tanto de admiradores quanto de escritores de FC (ALLEN, 1974). A escrita da autora,

entre outras características, estabelece críticas sociais e políticas, de modo que, em suas páginas, a autora traz uma história que questiona os papéis de gênero na sociedade e os estereótipos ligados a eles.

O livro se passa em um cenário onde existe vida e diferentes civilizações em muitos planetas, os quais possuem relações comerciais entre si no que é chamado de “Conselho Ecumênico”. Assim, o protagonista, um homem nativo da Terra chamado Genly Ai é enviado ao planeta Gethen (ou Inverno), local onde os habitantes desconhecem a vida em outros planetas, com a missão de transmitir essa informação e persuadi-los a se juntarem à sua organização para que possam trocar conhecimentos e tecnologia (LE GUIN, 2008).

No entanto, há alguns empecilhos para a sua missão. O primeiro é que os habitantes não sabem que existe vida em outros planetas, de modo que nem todos dão credibilidade ao que Genly Ai fala. O segundo é que os seres desse planeta são ambissexuais, podendo assumir a forma feminina ou masculina no período de reprodução e passando todo o resto do tempo sem gênero definido. Nesse sentido, nesse planeta não existem problemas relacionados ao preconceito de gênero, além do fato de nunca ter havido guerras.

Assim como outras autoras da época, Le Guin também escreve um cenário completamente diferente para questionar valores sociais (como as guerras, estruturas políticas e questões de gênero), culturais (cria uma cultura diversificada para os moradores de Inverno), e científicos e tecnológicos (como sua abordagem sobre a vida em outros planetas e a descrença dos moradores de Inverno).

É preciso salientar que as mulheres, sejam elas autoras ou personagens, começaram a ter reconhecimento há pouco tempo (PAVANI, 2017). Portanto, o livro foi escolhido para a atividade por ser uma das principais obras da autora que é, por sua vez, um dos maiores nomes dentro da ficção científica.

A proposta foi contar a história aos participantes de maneira fora do usual, e para isso foi elaborada uma gincana onde cada etapa representaria uma “cena” do livro, lançando mão do lúdico para ilustrar a narrativa. A gincana foi dividida em duas partes realizadas em dois dias distintos, cada uma delas representando cenas diferentes da outra, mas mantendo a mesma proposta. Para cada gincana, os participantes deveriam

dividir-se em duas equipes, sendo no primeiro dia um grupo de meninas e outro de meninos e, no segundo dia grupos mistos.

Algumas etapas das gincanas consistiram em jogos de “pedra, papel e tesoura” onde a equipe vencedora começaria as seguintes etapas com alguns segundos de vantagem, representando a chegada no “Planeta Inverno” - ou neste caso o início do circuito -, em outro momento deveriam procurar por mantimentos no “deserto de gelo”, representados por bexigas brancas que possuíam papéis dentro simulando a “neve” ou “mantimentos”, para a busca das/os participantes, ilustrando o momento do livro em que os personagens percorrem um ambiente semelhante.

Outra etapa teve como foco questionar a opinião das/os adolescentes sobre um planeta com mais igualdade, em que precisavam responder como imaginavam que seria um planeta onde existisse igualdade de gênero. Ainda, foi proposta uma dinâmica onde algumas/alguns das/os integrantes da equipe esperariam dentro de uma “nave” no final do circuito com os olhos vendados e quando o resto da equipe chegasse até lá, deveriam guiar as/os colegas até a representação de um planeta, que se localizava no outro lado do circuito, representando a nave que o personagem principal diz estar à sua espera.

Assim, uma vez finalizada a gincana, foi feita uma roda de conversa para saber o que pensaram sobre a dinâmica e para explicar que ela foi inspirada em um livro, momento em que foi contado o que cada etapa representava. As respostas em relação ao questionamento sobre como seria um mundo onde existisse igualdade de gênero consistiram em *“haveria mais respeito”* e *“não haveria desigualdade”*. Ainda que a dinâmica da atividade fosse agitada e que as/os participantes não tenham se estendido mais em suas respostas por conta disso, é possível observar como estabeleceram relações entre igualdade de gênero e respeito, bem como com a própria igualdade. Assim, acredita-se que não tenham se estendido nas respostas pelo fato do próprio ritmo da dinâmica, em que precisavam realizar as etapas de maneira rápida para poder terminá-la antes da equipe oposta.

A equipe vencedora do primeiro dia de gincana foi a composta por meninas, porque apesar de terem levado mais tempo em quase todas as etapas, na última onde era necessário trabalho em equipe para levar as colegas da “nave espacial” até o “planeta”, trabalharam juntas e recuperaram a vantagem que a equipe oposta tinha sobre elas. Os

meninos não aceitaram bem a derrota e a partir daí surgiu o questionamento sobre seu comportamento e se ele se devia ao fato de terem perdido, especificamente, para um grupo composto apenas por meninas. Por este motivo resolveu-se realizar um segundo dia de gincana onde foram divididos em dois grupos mistos. No entanto, o grupo que perdeu a segunda dinâmica também apresentou resistência em aceitar o resultado da brincadeira. Dessa maneira, pode-se compreender que o motivo da resistência ao resultado final não se deve necessariamente à composição dos grupos.

O principal objetivo ao promover este tipo de atividade é apresentar autoras de ficção científica para as/os adolescentes, as/os quais se encontram em situação de vulnerabilidade social e não costumam possuir fácil acesso à livros - e por consequência, à livros escritos por mulheres. Entende-se que é importante levar obras de ficção científica escrita por mulheres porque, como Ritch Calvin (2012) demonstra em seu texto, as autoras tendem a criar vastos universos – distópicos ou não - em suas narrativas onde são questionados valores sociais, entre eles a igualdade de gênero.

É importante destacar, ainda, que a pesquisa-ação consiste no diálogo com as/os participantes e que a mesma se molda no decorrer da atividade (THIOLLENT, 1986). Dessa maneira, é possível observar que ainda que a atividade tenha tido como foco a discussão sobre igualdade de gênero, no seu decorrer a prática lúdica acabou se sobressaindo, de modo que foi possível observar as relações de gênero no momento da composição dos grupos e nas etapas específicas da gincana.

Isso ocorre a partir do caráter interativo inerente à pesquisa-ação, de modo que a pesquisa vai sendo construída em conjunto com os demais sujeitos nela envolvidos. Ainda, destaca-se a importância de também atender à demanda das/os adolescentes, mantendo a proposta inicial da discussão sobre gênero e a aproximação com a obra da autora.

Ainda sobre a relação entre as/os jovens com a literatura, é importante ressaltar que muitas/os não possuem o hábito da leitura e algumas/alguns possuem até mesmo certa dificuldade para realizá-la. Dessa maneira, levar novas formas de leitura dessas obras é importante para que elas possam chegar até elas/es, considerando, como coloca Martins (1997), “a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem” (MARTINS, 1997, p. 30).

O CINEMA DE FICÇÃO CIENTÍFICA PARA O DEBATE ACERCA DA ALTERIDADE

O filme “*Arrival*”, traduzido enquanto “A Chegada” é um drama de ficção científica que teve sua estreia em novembro de 2016. A trama se desenvolve a partir da chegada de doze naves extraterrestres que se instalam em doze pontos diferentes da Terra. Na medida em que as autoridades norte-americanas são incapazes de estabelecer um diálogo com os extraterrestres, a linguista Dra. Louise Banks (Amy Adams) e o físico Ian Donnelly (Jeremy Renner) são recrutados para interagir com as criaturas desconhecidas e descobrir se representam ou não uma ameaça. Assim, ao longo da trama, ambos são pressionados a desvendar o propósito dos alienígenas o mais rápido possível.

O filme evidencia o modo como os interesses políticos, a corrida pela supremacia, as diferenças culturais e principalmente o medo do desconhecido atrapalha a jornada em busca pela compreensão do “Outro”. Não diferente do que ocorre fora das telas, a mídia representa um papel fundamental na história. Durante a trama, inúmeras cenas demonstram o pânico e a intolerância dos noticiários dos diversos países envolvidos em relação aos alienígenas, de modo que a narrativa apresenta uma oposição homem/mulher em que a protagonista representa uma força feminina criadora e protetora da vida, enquanto os homens detentores de poder político e militar têm impulsos bélicos e destrutivos.

Além do protagonismo feminino e da representação positiva da personagem enquanto uma profissional competente, corajosa e sensível, o filme mobiliza uma série de questões relacionadas à alteridade. No contexto da ficção científica, vale destacar que a origem latina da palavra “alienígena” indica alteridade: *alienus*, de “outro, estranho, que vem de fora”, e *alius*, “outro”. Nesse sentido, o “Outro” em “A Chegada” são os alienígenas, que chegam à Terra sem aviso prévio, e se diferenciam dos humanos em muitos aspectos – físicos, intelectuais, sociais, etc. O “Outro”, no entanto, é um sujeito mutável que pode representar os imigrantes, os negros, os homossexuais, os deficientes, as mulheres:

O outro diferente funciona como o depositário de todos os males, como o portador das falhas sociais. Este tipo de pensamento supõe que a pobreza é do

pobre; a violência, do violento; o problema de aprendizado, do aluno; a deficiência, do deficiente; e a exclusão, do excluído (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2001, p. 124).

No âmbito das relações de gênero, Simone de Beauvoir demonstra tal construção da mulher enquanto o segundo sexo, como o “Outro”:

O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. A categoria do Outro é tão original quanto a própria consciência. Nas mais primitivas sociedades, nas mais antigas mitologias, encontra-se sempre uma dualidade que é a do Mesmo e a do Outro (BEAUVOIR, 1960, p. 10-11).

Beauvoir discute que não é a desigualdade numérica que conferiu esse cenário, uma vez que as mulheres não são minoria. Tampouco um evento histórico subordinou as mulheres, como ocorreu com a diáspora judaica e a escravidão. Assim, Beauvoir destaca que o dado biológico da divisão dos sexos caracterizou a mulher enquanto o “Outro”, e que essa posição se deu a partir da definição do homem enquanto “Um”:

Nenhum sujeito se define imediata e espontaneamente como o inessencial; não é o Outro que se definindo como Outro define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio (BEAUVOIR, 2016, p. 14).

Ainda, Guacira Lopes Louro (1997) aponta que “usualmente se diz: ‘as mulheres são diferentes dos homens’, ou seja, elas diferem deles – que devem ser tomados como a norma” (LOURO, 1997, p. 44). Assim, essa internalização do masculino enquanto padrão se dá na medida em que se torna comum se referir à humanidade como “o homem”, ou usar o artigo masculino em situações que se deseja transmitir neutralidade.

Nesse sentido, observa-se que o conceito de alteridade permite a reflexão a posição de “Outro” de diversos indivíduos, e que o gênero da ficção científica possibilita que a metáfora do alienígena, da criatura desconhecida colabora para uma série de discussões relevantes. Com base nessa reflexão proposta pelo filme, a atividade desenvolvida com as/os adolescentes teve como foco a discussão da alteridade. Para tanto, após a exibição do filme, foi proposto um jogo em que, assim como no filme, as/os adolescentes se dividissem entre “alienígenas” e “cientistas”, de modo que deveriam tentar descobrir o propósito da chegada dos alienígenas na Terra sem o uso da linguagem, mas somente por meio de mímicas.

Assim, os “alienígenas” dos grupos retiravam palavras de uma urna e realizavam mímicas para os “cientistas”, de modo que as palavras consistiram em “Homem”, “Mulher”, “Imigrante/Estrangeiro”, “Indígena”, “Negro/a”, “Pobre”, “Rico/a” e “Deficiente”, indicando o tema em comum da diferença e desigualdade. Na medida em que os “cientistas” dos grupos acertavam as mímicas, as palavras eram coladas junto a um mural que continha uma “pergunta secreta” que revelaria o propósito dos alienígenas na Terra.

A etapa de mímicas demonstrou como a linguagem e a comunicação são fundamentais para a compreensão do outro (GUSMÃO, 1999; DUSCHATZKY; SKLIAR, 2001). Dessa forma, as/os adolescentes demonstraram dificuldade de se expressarem e precisaram ser criativos, uma vez que as palavras não eram simples de se representar. Contrariando as expectativas, as palavras “homem” e “mulher” não foram representadas de forma estereotipada, e as demais se valeram de gestos diversos para tentar transmitir significado. Uma vez que todas as palavras foram descobertas, o grupo foi reunido para o debate acerca da relação entre as palavras no mural, que revelaria qual era a pergunta dos alienígenas para a humanidade. Assim, as/os participantes identificaram o tema da diferença, oposição e desigualdade, de modo que foi revelada a “pergunta secreta”: “Por que há desigualdade entre os humanos?”.

Nesse momento, as/os adolescentes receberam post-its para que tentassem responder a tal questionamento. Dentre as respostas, destacam-se: *“Porque existem várias diferenças entre os humanos”*; *“Porque não aceitam o próximo”*; *“Porque os humanos são racistas”*; *“Porque homem ganha mais do que a mulher”*; *“Porque um quer ser melhor do que o outro”*; e *“Porque os humanos não podem ver nenhum estrangeiro que são malvados”*.

As respostas ao questionamento do motivo da existência da desigualdade demonstram que as/os jovens identificaram enquanto problemas o racismo, o machismo, o preconceito e a intolerância, bem como a visão do “Outro” enquanto “fonte de todo o mal” (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2001). Assim, a recorrente metáfora presente na ficção científica do alienígena enquanto o estrangeiro, o diferente, possibilita também a reflexão acerca de diversos grupos marginalizados.

Como destacam Duschatzky e Skliar (2001), a construção do sujeito enquanto o “Outro” ao longo da história demonstra uma posição frequentemente subalterna, desigual. Dessa forma, tanto nas representações midiáticas, quanto na vida em sociedade, o “Outro” costuma desempenhar uma função contrária, distinta, apontando para as versões discursivas da alteridade por eles destacada: “o outro como fonte de todo mal”, “o outro como sujeito pleno de um grupo cultural”, e “o outro como alguém a tolerar”.

Ainda, Neusa Maria Gusmão (1999), ao direcionar sua análise às crianças pobres, negras e periféricas, demonstra como o exercício reflexivo sobre a alteridade também funciona enquanto uma ferramenta de reconhecimento do lugar e da realidade desses jovens. Da mesma forma, as atividades desenvolvidas com as/os adolescentes do espaço de educação não formal em questão tiveram como objetivo problematizar as relações de gênero e alteridade em relação à sociedade como um todo, mas também a si mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendendo que as/os adolescentes com os quais foram realizadas as atividades encontram-se em um contexto de vulnerabilidade social, é preciso reconhecer que nem sempre possuem fácil acesso à literatura ou ao cinema. Muitas/os não possuem afinidade com a literatura, e algumas/alguns ainda demonstram certa dificuldade para a leitura. Nesse sentido, destaca-se a relevância de não somente levar uma obra escrita por uma autora mulher, como também apresentar a narrativa de forma atrativa, como foi o caso da leitura lúdica através da proposta da gincana.

O acesso ao cinema também se mostra limitado, de modo que levar tais discussões por meio da exibição e problematização de filmes do gênero, como “A Chegada”, possibilita refletir não somente acerca da representação feminina na mídia e na ciência, mas principalmente sobre as metáforas da alteridade presentes na obra.

Embora tenha sido possível observar nas falas das/os participantes temas relacionados à igualdade de gênero, raça e alteridade, não é possível afirmar em que medida as atividades desenvolvidas de fato geraram mudança. A internalização desses temas requer uma reflexão constante, de modo que as experiências relatadas podem ser

consideradas uma espécie de diagnóstico referente às impressões dessas/es jovens em relação aos temas propostos.

No entanto, ao identificar no filme a metáfora do “Outro alienígena” e reconhecer nos grupos marginalizados a alteridade, bem como refletir sobre as questões de gênero presentes em um mundo alternativo, torna-se possível, através de uma perspectiva crítica dos produtos culturais, dar início a discussões fundamentais. Assim, levar tais discussões a partir de produtos culturais para espaços educacionais de atendimento à vulnerabilidade social configura um meio com potencial para gerar mudanças e provocar reflexões fundamentais para a sociedade hoje.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, L. David. No **Mundo da Ficção Científica**. São Paulo: Summus Editorial, 1974.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos** / Simone de Beauvoir; tradução Sérgio Milliet. – 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BESSON, A. N. N. E. **Aux frontières du réel: les genres de l’imaginaire**. La Revue des livres pour enfants, n. 274, 2013.
- BRAKE, Mark; THORNTON, Rosi. Science fiction in the Classroom. **Physics Education**, Bristol, v. 38, n. 1, p. 31-34, 2003.
- CALVIN, Ritch. **Feminist Science Fiction**. A Virtual Introduction to Science Fiction. Ed. Lars Schmeink. Web, 2012.
- CHIANG, Ted. História da sua vida. In: **História da sua vida e outros contos**. Tradução de Edmundo Barreiros. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.
- DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. O nome do outros: Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença/organização** por Jorge Larrosa e Carlos Skliar; tradução de Semírames Gorini da Veiga – Belo Horizonte: Autêntica, p.119- 138, 2001.
- ECO, Umberto. Os mundos da ficção científica. In: **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Traduzido por Beatriz Borges. 3. Ed, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FLICKER, Eva. Between Brains and Breasts—Women Scientists in Fiction Film: On the Marginalization and Sexualization of Scientific Competence. **Public Understanding of Science**, v. 12, n. 3, p. 307–318, 2003.

FREEDMAN, Estelle. **No Turning Back: The History of Feminism and the Future of Women**. New York: Ballantine, 2002.

GEORGE, Susan A. **Gendering science fiction films: invaders from the suburbs**. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 107, p. 41-78, jul., 1999.

KAPLAN, Elizabeth Ann. **A mulher e o cinema: os dois lados da câmera**. Tradução de Helen Marcia Potter Pessoa. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia – estudos culturais: Identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. São Paulo: EDUSC, 2001.

LE GUIN, Ursula K. **A Mão Esquerda da Escuridão**. São Paulo: Aleph, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MARTÍN-DÍAZ, María Jesús; PIZARRO, A; BACAS, P.; GARCÍA, J. P.; PERERA, F. Science fiction comes into the classroom: Maelstrom II. **Physics Education**, v. 27, 1992.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MORENO, Rachel. **A Imagem da Mulher na Mídia: controle social comparado**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

MOVIE Budget and Financial Performance Records. **The Numbers**. Disponível em: <<https://www.the-numbers.com/movie/budgets>>. Acesso em: 18 de set. de 2020.

MOYLAN, Tom. **Scraps of the Untainted Sky: Science Fiction, Utopia, Dystopia**. Westview: Boulder, Colorado, 2000.

OLIVEIRA, Fátima Régis de. Ficção Científica: uma narrativa da subjetividade homem- máquina. **Contracampo**, Niterói, v. 9, n. 1, p.177-198, 2º sem. 2003.

OLIVEIRA, Tuany M.; ARAUJO, Paula T.; PIASSI, Luís Paulo C. Gênero, Mídia e Educação: Diálogos na Infância e na Pré-Adolescência. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 3, p. 119-139, 2017.

PAULA, Cássio Remus de. Videogames e ficção científica: representações sobre o futuro caótico nos jogos eletrônicos da década de 1980. **Revista Caminhos da História**, v. 20, n. 2, p. 89-114, 2015.

PAVANI, Amanda. **Ficção Científica contemporânea escrita por mulheres:** Margaret Atwood, Octavia Butler, Marge Piercy, Connie Willis. In: 13 Mundo de Mulheres & Fazendo Gênero 11, Florianópolis: 2017. p. 1-13.

PIASSI, Luís Paulo C. A ficção científica como elemento de problematização na educação em ciências. **Ciênc. educ.** (Bauru), v. 21, n. 3, 2015.

PIASSI, Luís Paulo de C.; KIMURA, Rafael Kobata. Planeta-deserto e seres ambissexuais: o estranhamento da ficção científica na discussão de conteúdos CTS. **Indagatio Didactica**, Aveiro, v. 8, n. 1, p. 1724-1737, 2016.

PIASSI, Luís Paulo de C.; SANTOS, Emerson I.; VIEIRA, Rui Manoel B.; KIMURA, Rafael K.; VIZACHRI, Tânia R.; ARAUJO, Paula T. A Banca da Ciência na comunicação crítica da ciência para o público escolar, **Comunicação Pública** [online], v.13, n. 24, 2018.

PUPO, Stella C.; OLIVEIRA, Tuany; GOMES, Emerson; VIEIRA, Rui; SANTOS, Emerson; PIASSI, Luís Paulo de C. Ciência, Tecnologia, Mídia e Igualdade de Gênero: Estratégias de Comunicação Científica. **E-COM** (BELO HORIZONTE), v. 10, p. 42-62, 2017.

RAMOS, João Eduardo F.; PIASSI, Luís Paulo; RAMOS, Eugênio M. F. Física e humor: estudo sobre a recepção de piadas e tiras humorísticas na sala de aula. **Revista de Enseñanza de la Física**, v. 27, p. 5-765, 2015.

SÃO PAULO. Prefeitura de São Paulo – Assistência Social. **Norma Técnica dos Serviços Socioassistenciais:** Proteção Social Básica. Prefeitura de São Paulo, São Paulo, 2012.

SILVA, Tatiana P.; REIS, Anna Cecília A.; SANTOS, Emerson I.; PIASSI, Luís Paulo de C. É o lobo? Proposta de leitura e ciência na infância. **Textura**, v. 21, n. 46, p. 195-218, 2019.

TAVARES, Bráulio. **O que é ficção científica**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

TELOTTE, J. P. **Science Fiction Film**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. Michel Thiollent – São Paulo: Cortez, 1986.

VILLENEUVE, Denis; LEVY, Shawn; LEVINE, Dan; RYDER, Aaron; LINDE, David. **A Chegada**. Los Angeles: Sony Pictures, 2016. DVD (116 min.). Título original: Arrival.



**TROPOS:
COMUNICAÇÃO,
SOCIEDADE E CULTURA**

ISSN 2358-212X

ZIRANGUE, Rajaram S. **Feminist Science Fiction: images of future women.** Asian Quaterly, X, v. 7, n. 4, p.9-18, fev. 2010.

Recebido em 19 de junho de 2020

Aprovado em 29 de junho de 2020